

UM GRITO DE SOCORRO: A CONDIÇÃO DA MULHER EXPOSTA NO VIDEOCLÍPE P.U.T.A, DA BANDA MULAMBA

Dayane Kelly Barbosa Freire Sales (1); Layze Mariana Tonório de Lima (2); Helton de Farias Henrique (3)

Universidade Estadual da Paraíba (kellykira98@gmail.com) (1); Universidade Estadual da Paraíba (layzemariana6@gmail.com) (2); Universidade Estadual da Paraíba (helton.farias@hotmail.com) (3)

Resumo: Socialmente, o sujeito feminino é taxado como minoria e que portanto, não deve ter direito a fala, mesmo que seu corpo seja violado. Na contemporaneidade, uma das formas de subversão encontrada pelas mulheres são as produções audiovisuais. Nessa perspectiva, este artigo tem como objetivo analisar o videoclipe P.U.T.A, da banda Mulamba, que é composta unicamente por mulheres, evidenciando a crítica ao machismo latente em nossa sociedade que, por muitas vezes, considera a mulher vítima de abuso sexual culpada. Além disso, problematizaremos sobre o quanto o estupro tornou-se algo banal no âmbito social, bem como a revolta com esse descaso que obriga aos sujeitos femininos a buscarem justiça por conta própria.

Palavras Chave: Machismo, videoclipe, condição feminina

Introdução

O presente artigo trata de analisar o videoclipe “P.U.T.A” da banda Mulamba, um banda que nasceu em Curitiba, formado apenas por mulheres que traz temas atuais e letras polemicas.. A letra da música em análise mostra uma realidade repleta de medo onde muitas mulheres se encontram que seria a de serem estupradas.

Em uma pesquisa do Instituto Datafolha encomendada pelo Fórum Brasileiro de Segurança Pública (FBSP) mostra que 30% das pessoas entrevistadas, tanto homens quanto mulheres, concordam que uma mulher que usa roupa curta não pode reclamar de ser estuprada, dentro dessa mesma pesquisa 37% dos entrevistados afirmam que “mulheres que se dão o respeito não são estupradas”. A associação da vítima de estupro com suas roupas e com suas atitudes reflete uma estrutura social machista que permite que o corpo feminino seja violentado e o agressor não seja culpado por isso.

Através da música, artistas estão buscando formas de denunciar esse machismo latente dentro da sociedade. Durante muito tempo a música vem trazendo grande interesse nas ciências humanas tais como a sociologia, a pedagogia, a psicologia, letras, dentre as mais diversas áreas do conhecimento. As relações sociais são de grande inspiração da música, sejam elas afetivas ou culturais, todas essas relações entregam nas mãos da música uma verdadeira infinidade de conteúdos.

Metodologia

O percurso metodológico utilizado para o desenvolvimento desse artigo é de caráter exploratório com uma abordagem qualitativa utilizando-se de técnicas de análise de documentos, também quantitativos. O estudo apresentado irá se utilizar de dados da BBC Brasil e do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea) que irá servir como base de análise da música exposta no videoclipe.

RESULTADO E DISCUSSÃO

”...Por ser só mais uma guria...”

O estupro é um crime sexual que é usado para humilhar, exercer poder, para objetificar o outro. Segundo Guilherme de Souza Nucci, de acordo com os Artigos 213 e 234-A do Código Penal e o Artigo 1º, inciso V, da Lei nº 8.072/90 é considerado estupro:

Delito tipificado no artigo 213 do Código Penal, consiste no constrangimento (tolhimento da liberdade, emprego de força ou coação) a alguém (pessoa humana), mediante emprego de violência ou grave ameaça, à conjunção carnal (cópula entre pênis e vagina) ou na prática (forma comissiva) de outro ato libidinoso (qualquer ação que propicie o prazer sexual, como, por exemplo, o sexo oral ou anal, ou o beijo lascivo), assim como na permissão que com ele se pratique (forma passiva) outro ato libidinoso. O crime de estupro e o atentado violento ao pudor foram unificados pela Lei nº 12.015/09 para a figura do artigo 213, que se tornou um tipo misto alternativo. Sendo assim, é crime único de estupro, a prática da conjunção carnal e/ou outro ato libidinoso, contra a mesma vítima, no mesmo contexto. (Guilherme de Souza Nucci, 2009)

Em maio de 2016 uma jovem de 16 anos foi violentada por mais de 30 homens na cidade do Rio de Janeiro. Segundo relato da adolescente, ela teria ido a casa do namorado no sábado, dia 21 de maio, e acordou dopada no domingo em uma outra casa na mesma comunidade. Dias depois ela descobriu fotos suas sem roupa que foram divulgadas na internet e vídeos onde possíveis agressores falaram que ela tinha sido estuprada por mais de 30 homens. Esse caso chamou atenção da mídia por

ter envolvimento de várias pessoas e por ser em uma região que recebe uma atenção um pouco maior do que em outras regiões.

Com esse ocorrido várias pessoas começaram a se manifestar contra o crime e a divulgação das imagens, porém também houve quem fosse questionar a atitude da jovem para que levasse os agressores a cometer o crime. Esse exemplo é um clássico da cultura do estupro onde mais de 30 pessoas estão compartilhando de uma ação criminosa, porém o que é questionado não são as atitudes dos agressores e sim a atitude da vítima.

Na internet, pessoas questionando sobre a roupa que a jovem usava, sobre a atitude de ir a casa do namorado sozinha e nas reportagens a informação que ela fazia uso de drogas reforçava as acusações sobre a vítima. Não houveram muitas pessoas que questionaram o motivo dos homens estarem divulgando aquelas imagens para que o gosto deles fosse mostrado. Em vídeos feitos, os agressores se sentiam honrados em fazer aquilo e a exposição das marcas de violência no corpo do outro era um troféu onde em momento algum os agressores demonstraram arrependimentos.

“Que não seja hoje o meu dia”

Vivemos atualmente em uma sociedade onde a mulher tem que reprimir sua sexualidade pois apenas assim ela será aceita como uma “uma mulher de respeito”. E para se enquadrar nessa tipologia a mulher tem que seguir uma receita bastante machista que muitas vezes não lhe dá o direito nem de opinar.

Muitas mulheres reprimem seus desejos de ir a uma festa, dançar, beber e, o mais básico, se divertir, pois, elas sabem que ao fazerem isso elas podem correr risco de serem estupradas pois os homens podem achar que ela está dando condições. As mulheres são induzidas ao casamento, a submissão desde cedo, quando pequenas as meninas são educadas a se comportarem, a serem quietas e caladas, são educadas também a não andarem sozinhas pois elas correm perigo. Se ensina a mulher a não namorar muitos caras enquanto isso, se um menino não namorar várias meninas ele é tachado de gay. Raramente é ensinado ao menino a respeitarem as decisões das mulheres.

A dicotomia entre papéis femininos e masculinos leva-nos a pensar no fato de que, desde que nasce, o ser humano é inserido em uma história preexistente. Como legado social, ele recebe uma série de informações sobre o que é esperado que faça, de acordo com as características do grupo ao qual pertence. (WAGNER, 2005, p. 107)

Análise e resultados

É significativo analisar primeiramente o título, sendo um videoclipe com uma letra tão intensa que aborda o estupro, a palavra “P.U.T.A” é colocada no título pois uma das formas de julgamentos das vítimas desse ato é o xingamento e uma das formas mais comuns é a palavra puta. Devemos observar que vivemos em uma sociedade machista onde as escolhas de uma mulher em relação a suas vestimentas irão definir se isso faz com que ela seja uma meretriz ou uma mulher de respeito e isso faz com que as pessoas digam que uma merece ser estuprada e outra não.

Ontem desci no ponto ao meio dia
Contramão me parecia
Na cabeça a mesma reza
Deus, que não seja hoje o meu dia
Faço a prece e o passo aperta
Meu corpo é minha pressa

Com a expressão “Na cabeça a mesma reza” podemos notar que o medo das mulheres serem agredidas é algo que está no cotidiano das mulheres e com a continuação do refrão a cantora mostra que, por ela ter um corpo feminino, ou seja, por ela ser uma mulher os riscos de ser estuprada são altos e devido a isso ela se enxerga na condição de ter que andar rápido. Observando a melodia podemos perceber que esse primeiro momento da música é algo mais suave e calmo podendo ser comparado mesmo com uma oração e se verificamos o videoclipe veremos que as faces das vocalistas tentam fazer essa relação.

Ouviu-se um grito agudo engolido no centro da cidade
E na periferia? Quantas? Quem?
O sangue derramado e o corpo no chão
Guria! Por ser só mais uma guria
Quando a noite virar dia
Nem vai dar manchete (nem vai dar manchete)
Amanhã a covardia vai ser só mais uma que mede, mete, e insulta
Vai filho da puta

Aqui podemos perceber a denúncia com o descaso em relação a violência contra as mulheres principalmente as mulheres da periferia que são deixadas as margens da sociedade e não importa quem seja ou quantas sejam, elas são apenas consideradas mais uma mulher que foi agredida. Devemos observar a denúncia sobre a mídia que mede as estatísticas do que qual caso de violência

deve ser noticiado para que aquilo seja vendido e assim possa se ter um retorno lucrativo, e se o caso não der ibope é apenas mais um estupro, apenas mais uma ”puta”.

Painho quis de janta eu
Tirou meus trapos, e ali mesmo me comeu
De novo a pátria puta me traiu
E eu sirvo de cadela no cio

Geralmente o agressor está associado aquele que vem de fora, o estranho, porém segundo o Ipea (2017) 70% dos estupros são cometidos por parentes, namorados, vizinhos e amigos próximos da família. Nessa parte da música serve para relatar um fato que poucas pessoas sabem, pois, geralmente devido o agressor ser alguém próximo a família da vítima resolve deixar escondido. Ainda podemos perceber o jogo de palavras quando se trata de “pátria puta”. A pátria é considerada “Mãe” pois acolhe a todos, é gentil, carinhosa e bondosa, porém aqui a pátria é retratada como puta para mostrar que o Brasil não é assim tão gentil é algo baixo comparável a uma puta. No início da música podemos ainda analisar linguagem utilizada que faz com que se assemelhe a de uma criança ou adolescente.

“É bom lembrar que uma jovem que denuncia um familiar próximo – pai, tio, padrasto – que a estuprou ou que a estupra regularmente é facilmente mandada de volta para casa, onde encara a vingança violenta de seu estuprador, sem amparo nenhum. Muito frequentemente, na decisão de denunciar, a jovem não encontra nem sequer o respaldo da mãe, cuja única preocupação, às vezes, consiste em preservar seu relacionamento com o pai ou padrasto.” (Contardo Calligaris, psicanalista, doutor em Psicologia Clínica.)

Lá vai a marionete
Nada que hoje dê manchete
(E ainda se escuta)A roupa era curta
Ela merecia
O batom vermelho
Porte de vadia
Provoca o decote
Fere fundo o forte
Morte lenta ao ventre forte

Eu às vezes mudo o meu caminho
Quando vejo que um homem vem em minha direção
Não sei se vem de rosa ou espinho

Se é um tapa ou carinho
O bendito ou agressão

Devemos atentar aqui a relação da cultura de estupro que tende a culpabilizar a vítima pelas ações do agressor como se devido a ela ter certas vestimentas ela merecesse. Muitas vezes uma mulher veste uma roupa sedutora para se sentir bem e poderosa, mas o caminho da sedução para a efetivação da relação é muito longo e nenhum ser tem direito de um outro corpo que não seja o seu. Sobre isso, Isabel Solyszko que é doutoranda em Serviço Social na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) afirma que:

"Independentemente do nosso comportamento e da nossa aparência, nada, absolutamente nada (nem que eu seja garota de programa, nem que eu seja promíscua, nem que eu esteja bêbada, nem que eu esteja sozinha com vários homens em um quarto), realmente nada vai justificar uma violência". (Isabel Solyszko, 2016)

E se mudasse esse ponto de vista
E o falo fosse a vítima
O que o povo ia falar?
Trocando, assim, o foco da história
Tirando do homem a glória
De mandar nesse lugar

Se encontra aqui um grande questionamento, a respeito do que se o homem fosse a vítima quais seriam as desculpas que a sociedade iria dar? Tais desculpas são dadas pois o mundo ainda é pertencente ao homem e é algo ainda tão forte que até mesmo mulheres estão perpetuando preconceitos em seus discursos.

O mundo sempre pertenceu aos machos. [...] Já verificamos que quando duas categorias humanas se acham presentes, cada uma delas quer impor à outra sua soberania; quando ambas estão em estado de sustentar a reivindicação, cria-se entre elas, seja na hostilidade, seja na amizade, sempre na tensão, uma relação de reciprocidade. Se uma delas é privilegiada, ela domina a outra e tudo faz para mantê-la na opressão. Compreende-se, pois, que o homem tenha tido vontade de dominar a mulher (Beauvoir 2009, p.95)

Socorro tô num mato sem cachorro
Ou eu mato ou eu morro
E ninguém vai me julgar

E foda-se se me rasgar a roupa
Te arranco o pau com a boca
E ainda dou pra tu chupar

Pra ver como é severo o teu veneno
Eu faço do mundo pequeno
E Deus permita me vingar

Podemos notar nesse trecho da música que o grito de socorro que antes existia agora se transforma em uma atitude onde a mulher tem que tomar diante da situação em que se encontra como vítima. Segundo Adichie “cultura não faz as pessoas. As pessoas que fazem a cultura” (2015, p.48). Isso significa que a mulher é capaz de mudar essa realidade. Segundo Fiorin (2017, p. 61) “o sujeito vai constituindo-se discursivamente, aprendendo as vozes sociais que compõem a realidade em que são imersos, e, ao mesmo tempo, suas inter-relações dialógicas”.

Considerações Finais

Desde o final do século XIX que se fala em importância da mulher na sociedade e igualdade de direitos. Podemos ver que mesmo depois de um século o machismo ainda insiste e resiste, porém mais forte que esse conjunto de práticas sexistas é a luta das mulheres que ainda permanece ativa em todos os meios discursivos.

O ato mais forte do machismo podemos considerar o estupro pois nesse ato cruel o homem se sente superior a mulher a tal ponto que ele ignora o direito dela de liberdade e obriga a vítima realizar o ato sexual. A cada dia que passa a figura feminina tem mostrado que não vai mais aceitar imposições sociais machistas e lutam para mudar essa sociedade através de músicas, de artigos, conversas, etc. e é devido a esses discursos que são reproduzidos em diversas esferas sociais que as mulheres estão se encontrando como donas de si e de suas atitudes e que isso não justifica nenhum tipo de ato violento contra ela.

Referências bibliográficas

- ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **Sejamos todos feministas**. Tradução de Christina Baum. – São Paulo: Companhia das Letras, 2015.
- BEAUVOIR, Simone de. **O Segundo Sexo**. Tradução Sergio Milliet. 2º. Ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.
- CERQUEIRA, D.; COELHO, D. S. C. *Estupro no Brasil: uma radiografia segundo os dados da Saúde*. Brasília: Ipea, 2014

- DULTRA, Daiane. **Uma reflexão sobre a cultura do estupro**. 2016/07/09. Disponível em: <<http://actionaid.org.br/noticia/uma-reflexao-sobre-a-cultura-do-estupro/>>. Acesso em 14 de maio de 2018.
- FIORIN, José Luiz. **Interdiscursividade e intertextualidade**. In: **Bakhtin**: outros conceitos-chave. BRAIT, Beth (Orgs.). – São Paulo: Contexto, 2015, p. 161 a 193
- KAZ, Leonel. **Brasil rito e ritmo: um século de música popular e clássica**. Rio de Janeiro: Aprazível, 2004.
- NUCCI, Guilherme de Souza. Crimes contra a dignidade sexual: comentários à Lei nº 12.015, de 7 de agosto de 2009. São Paulo: Revista dos Tribunais, 2009.
- NUCCI, Guilherme de Souza. Manual de Direito Penal: parte geral/parte especial. São Paulo: Revista dos Tribunais, 2009.
- Revista AzMina, **Mulamba: A banda só de mulheres que quer que outras mulheres sejam ouvidas**. Disponível em: <https://www.huffpostbrasil.com/2017/07/03/mulamba-a-banda-so-de-mulheres-que-quer-que-outras-mulheres-sej_a_23014422/>. Acesso em 14 de maio de 2018.)
- SILVA, G. S. Corpo e tempo na experiência de recomposição do cotidiano de mulheres em situação de violência sexual. In: RABELO, M.; SOUZA, I. M. A.; ALVES, P. C. **Trajetórias, sensibilidades, materialidades: experimentações com a fenomenologia**. Salvador: UFBA, 2012
- WAGNER, Adriana. *Como se perpetua a família? A transmissão dos modelos familiares*. EDIPUCRS, Porto Alegre, 2005